

2026
Cem

A CAMALEOA

de Carolina Campanela
encenação de Elsa Valentim

Teatro dos Aloés

■ julho 2026

21h30 M/12 90 min.

09 jul.

SINES
CAS

10 jul.

V. N. DE SANTO ANDRÉ
ESPAM

11 jul.

SANTIAGO DO CACÉM
AMAC

BI 5c | público em geral
LHE 3c | menores de 21 anos e maiores 65 anos
TES GRATUITO | sócios da AJAGATO

**LOCAIS DE
VENDA E
RESERVAS**

| V. N. DE SANTO ANDRÉ CAPAG | 269 751 296 (rede fixa nacional)
| SANTIAGO DO CACÉM AMAC | 269 750 410 (rede fixa nacional)
Reservas também através do CAPAG
| SINES CAS | 269 860 080 (rede fixa nacional)

ORGANIZAÇÃO

AjaGato

PARCERIA

SANTIAGO DO CACÉM

SINES

PATROCINIOS

galp

repsol

CCDR
ALENTEJO

PLEXUS

APSI

PSA SINES

DAVID PIRES
912 295 084

SEMPRE

APOIOS

ILPARK

M24

ALCANTARA

ACAMALEOA

| Teatro dos Aloés

A nova produção do Teatro dos Aloés traz-nos um texto de Carolina Campanela onde as relações de poder são exploradas a partir do quotidiano de uma companhia de teatro.

■ SINOPSE

César decide encenar Júlio César. Mas, tal como na República de Roma, também aqui o poder corrói as relações. Na senda do processo de ensaios, floresce o descontentamento: intérpretes que querem ser mais do que intérpretes, estagiárias que recusam o seu papel de invisibilidade. Todos procuram o seu lugar ao sol.

Arriscam legitimamente ascender e ganhar, numa profissão feita de dedicação, mas marcada pela precariedade e pelas promessas de reconhecimento.

Mas afinal o que existe no topo dessas promessas? E será que existe realmente um topo ou tratar-se-á apenas de uma infinita *matrioska* cada vez mais revestida de camadas?

■ FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

| TEXTO Carolina Campanela **| ENCENAÇÃO** Elsa Valentim **| INTERPRETAÇÃO** Graciano Amorim, Joana Batalha, Jorge Silva, Patrícia André, Raquel Oliveira, Sofia Pinto **| CENOGRRAFIA E DESIGN GRÁFICO** João Rodrigues **| DESENHO DE LUZ, FOTOGRAFIA E VÍDEO** Aurélio Vasques **| FIGURINOS** Dino Alves **| MÚSICA** Rui Rebelo **| ASSESSORIA DE IMPRENSA** Sofia Peralta **| OPERAÇÃO TÉCNICA** Mafalda Oliveira **| CONSTRUÇÃO CENOGRÁFICA** FP Solutions **| DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Daniela Sampaio **| PRODUÇÃO EXECUTIVA E DIVULGAÇÃO** Marco Trindade **| PRODUÇÃO** Teatro dos Aloés 2026 - 73.ª Criação

Texto da Autora

Quando o Teatro dos Aloés me convidou para escrever uma peça sobre o poder a partir de Júlio César, de Shakespeare, aceitei sem hesitar. Não apenas porque o poder continua a ter uma profunda marca de género, mas porque há qualquer coisa de irresistível na forma como organiza as nossas vidas. O poder nunca parece suficiente. Quem o tem quer mais; quem o perdeu quer recuperá-lo; quem nunca o teve imagina o que faria com ele. E, no entanto, raramente traz a paz ou a satisfação que promete. Interessa-me particularmente uma ideia: a de que o poder não pertence apenas às pessoas. Habita as estruturas, os hábitos, as culturas. Reproduz-se. Passa de mão em mão sem necessariamente mudar de forma. Por isso, uma das perguntas que atravessa esta peça é simples: quando deixamos de ocupar o lugar dos dominados e passamos a ocupar o lugar dos dominadores, o que muda realmente? Somos capazes de fazer diferente, ou melhor? Mas não queria abordar estas questões à escala dos grandes sistemas políticos ou sociais. Interessa-me mais o poder quando ele se manifesta em territórios aparentemente banais: no trabalho, nas hierarquias informais, nas pequenas disputas quotidianas, nos gestos que raramente reconhecemos como formas de autoridade. O universo de uma companhia de teatro ofereceu-me um terreno fértil para essa exploração. É um espaço onde convivem funções, desejos e graus de poder muito distintos; um lugar que gosta de se imaginar horizontal, mas onde as hierarquias continuam bem vivas, ainda que nem sempre visíveis. E é também um lugar habitado por pessoas que aspiram a ser outras coisas: a actriz que quer encenar, o actor que quer escrever, as estagiárias que querem ser actrizes... No centro de tudo está Antónia Melina e aquilo que verdadeiramente me interessava era acompanhá-la no momento em que o desejo deixa de ser apenas um sonho distante e passa a ser uma oportunidade e, mais tarde, uma realidade. O que fazemos quando finalmente chegamos ao lugar que sempre quisemos ocupar? E, sobretudo, quem nos tornamos quando lá chegamos?

Carolina Campanela

